

TEXTOS

Autocrítica da crítica

Afrânio Coutinho é o grande renovador da crítica brasileira no sentido modernizante técnico. Só que seus discípulos não vêm sendo muito fiéis ao mestre, revanche muito comum contra os profetas.

Quando Leodegário A. de Azevedo Filho escreve, "cumprir esclarecer que a crítica não é um gênero literário, como parece ainda a alguns autores, mas sim uma disciplina de natureza científica, cujo fim é a análise, a interpretação e o julgamento do fato literário", está ecoando Afrânio: "Enquanto não compreendermos que a crítica não é um gênero literário; que ela não se produz de dentro para fora do crítico, mas a partir do texto a criticar; ainda teremos a suportar esses bostejadores (sic) a opinar na primeira pessoa, no espírito de polémica do século XIX".

E o que mostra exemplarmente José Augusto Guerra, num livro polémico, embora não polemístico, comprovando também a perene validade do debate na literatura que se queria liquidar.

Passou-se da técnica para o tecnicismo, pretendendo anular ou diminuir a arte na literatura, exacerbando em cientificismo o elemento científico da crítica literária.

Implantou-se o "estruturalês", como uma epidemia universitária, doença suspeita inclusive ao nível de ciência, como o denunciou José Guilherme Merquior. Misturaram-se linguística, antropologia e filosofia, descambando até para a ideologia ou mesmo a demagogia. As novas gerações foram as maiores prejudicadas: no clima da cultura massificada pelos mídias e universidades superlotadas, descuidou-se o bom-gosto, para não falarmos da própria gramática, tudo sacrificado a um linguajar obscuro, rebarbativo, redundante, provando o óbvio ou querendo demonstrar o impossível. Uma nova forma de analfabetismo erudito no seu especialismo.

Como sempre, os mestres arrepiaram-se diante das últimas conclusões dos adeptos. Roland Barthes, um dos sumos profetas da seita, acabou preferindo o retorno ao "prazer do texto", com o qual chegou a intitular um dos seus derradeiros livros. Quase recuperação indireta da crítica do bom-gosto, tido em seguida por desnecessário, em nome do antiimpressionismo. Relegando, de uma única vassourada, Sainte-Beuve e sua obra ao lixo da história, quando Hegel advertia que se existisse lixo na história, ele serviria pelo menos de adubo...

É que se estava tomando a parte pelo todo, a forma pelo conteúdo, o acidente pela subs-

tância, numa incrível inversão de valores, também típica do tempo fragmentado em que vivemos, sem as bússolas das unidades iniciais.

Dai "o desmonte, a desarticulação, a atomização do poema" a que se refere José Augusto Guerra em *Cesare Segre*.

As novas gerações, repita-se, foram as maiores vítimas, pois, conforme a denúncia de Ledo Ivo, "O terror que mata as letras está na comunicação pedagógica ou para-pedagógica que considera a teoria mais importante que a prática. Digamos sem medo: o carrasco é o teórico ou exegeta que embalsama o texto vivo, o censor é o professor... Em vez de ensinar aos alunos como devem proceder para criar, o cognominado mestre inocula neles a ilusão que a teoria tem mais importância do que um soneto de Baudelaire ou um conto de Machado de Assis".

O crítico sentia-se dispensado de ser escritor, bastava-lhe a cátedra...

Da universidade passava-se à "multiversidade" de que falava um analista norte-americano... Até dentro do mesmo Departamento, o de Letras, donde desapercecia o humanismo tido por sinônimo de classicismo, o que, em si, não seria errado se os termos não tivessem sido truncados, ao reduzir-se o suposto "classicismo" a equivalente doutrina especializada. Quando a expressão correta seria "humanismo", este sim urgindo recuperação em tempos de estilhaçamento da cultura e da própria identidade psicológica, como os nossos.

A fina ironia poética-mineira de Carlos Drummond de Andrade imprimiu um ferrete de fogo neste cientificismo, em seu poema "Exorcismo" aparecido em 1975, no auge daquele balé formalista:

"Da organização categorial da língua / Da principalidade da língua no conjunto dos sistemas / semiológicos / Da concrez das unidades no estatuto que dialectiza a / língua / Da ortolinguagem / *Libera nos, Domine* / Das aparições de Chomsky, de Mehler, de Perchneck / De Saussure, Cassirer, Troubetzkoy, Althusser, / De Zolkiewski, Jakobson, Barthes, Derrida, Todorov, / De Greimas, Fodor, Chao, Lacan et caterva / *Libera nos domine*".

Mas José Augusto Guerra não é um caturra, ao ser ant Vanguardista.

Demonstra conhecer também os caminhos e não só os descaminhos da crítica no seu livro sob esse título, publicado no ano passado, no final das contas uma autocrítica da crítica. Onde faz igualmente a reabilitação da crítica didática de Almeida Fischer e Hélio Pólvora, por exemplo, tão necessária à manuten-

ção e aprofundamento da cultura literária. Em última instância, virando o feitiço contra o feitiço, o criticismo formalista é alienado na sua fuga para o suposto laboratório semiológico, repelindo a função educativa. Ao optar pelo monólogo em vez do diálogo em grande escala.

Porque aí está a raiz do problema: o especialismo, aquela doença mortal para a civilização, segundo desde Ortega y Gasset se denuncia, quando apontava os novos monstros deformados por ela, chegando a apressar-se da universidade e até do Estado na pessoa dos tecnocratas. O crítico formalista não passa disto: um tecnocrata da cultura e, enquanto tal, precisando urgentemente de ser domado.

Após intensa campanha contrária, os suplementos literários ressuscitaram, pelo menos parcialmente, no *Jornal do Brasil* e *Estado de S. Paulo*. E nunca deixaram de existir na grande imprensa internacional, do *Times Literary Supplement*, o disputado *TLS* londrino, a *Le Monde Littéraire* e seu equivalente em *Le Figaro*, chegando aos Estados Unidos nas publicações semelhantes em *The New York Times* e *Washington Post*.

Como, então, destruí-las no Brasil?

José Augusto Guerra lembra muito bem sua iniciação pelo suplemento do *Diário de Pernambuco* sob a direção de Mauro Mota. Era um tempo áureo no Recife e Nordeste. Também Aderbal Jurema dirigia outro no *Jornal do Commercio* e Nilo Pereira na *Folha da Manhã*.

Quantas vocações foram descobertas por eles, além de José Augusto e de iním próprio?

Por que os candidatos a mestradão não fazem teses a respeito, em vez de amontoarem-se repetindo-se a propósito de Guimarães Rosa ou da semiótica?...

Se quisermos cultura brasileira, nas suas raízes e sua crise, temos de voltarmos-nos sobre nós mesmos. Os períodos de cada um destes suplementos fornecem elementos valiosos para a percepção de ciclos, gêneros, linguagens, temáticas etc. etc.

Mas adianta estarmos falando destas coisas?

Serve nem que seja para remar contra a maré do capitulacionismo distarçado de construtivismo. Se a cultura for a meta, ela tem de mobilizar todos, embora muitos sejam chamados e poucos os escolhidos. *Caminhos e descaminhos da crítica* (Livraria Editora Cátedra/INL, Rio de Janeiro/Brasília, 1980), de José Augusto Guerra, lança a rede do pescador intelectual.